

## **MAIS ÉTICA E MENOS CONSUMISMO: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA TEORIA DO DECRESCIMENTO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL.**

**GUSTAVO WENTZ**

Advogado. Mestre em Direito/IMED fomentado pelo PROSUP/CAPES. E-mail: [gustavowentz@hotmail.com](mailto:gustavowentz@hotmail.com)

### **RESUMO**

Por séculos, homem e natureza foram subjulgados por um sistema econômico baseado no Consumismo desenfreado. A natureza foi explorada até os seus limites, enquanto o homem foi escravizado pelo trabalho e pelo consumo. Contudo, felizmente, esta realidade vem paulatinamente sendo modificada pela inserção de novos parâmetros Éticos, tanto sociais quanto ambientais. O homem passou a reconhecer na natureza uma equidade em relação a sua posição, deixando de vê-la simplesmente como objeto. Estes novos padrões Éticos, em muito, são influenciados pelos ensinamentos da teoria do Decrescimento, que propõem um abandono do crescimento econômico e do Consumismo desmedido, por um modelo mais conservador e protecionista, de forma a garantir a perpetuação da vida na Terra. Contudo, tudo isso só será possível a partir da Educação Ambiental, para incutir no inconsciente da população uma preocupação com a pegada ecológica que queremos deixar na Terra.

**Palavras-Chave:** Ética. Decrescimento. Educação ambiental.

### **ABSTRACT**

For centuries, man and nature were subdued by an economic system based on unbridled consumerism. Nature has been explored to its limits, while the man was enslaved by work and consumption. However, fortunately, this situation is gradually being modified by the insertion of new ethical standards, both social and environmental. The man started to recognize in nature an equity relative to its position, failing to see it simply as an object. These new ethical standards, by far, are influenced by the decrease teach theory which propose an abandonment of economic growth and rampant consumerism, for a more conservative and protectionist model, to ensure the perpetuation of life on Earth. However, all this will only be possible from the environmental education, to instill in the unconscious of the population a concern with ecological handle what we leave on the Earth.

**Key Words:** Ethic. Decrease. Environmental education.

## INTRODUÇÃO

A modernidade trouxe consigo um aumento significativo no consumo de bens e serviços, ocasionados tanto pela procura de maior conforto, quanto pela disponibilidade de novas tecnologias, mas, teve impulso fundamental nos ideais do Consumismo esculpido, principalmente, pelas sociedades capitalistas. O acúmulo de riquezas, a exploração do trabalho dos menos favorecidos, a criação de um enorme abismo social e, especialmente, o desrespeito e a degradação do Meio Ambiente, podem ser elencados como os expoentes deste modelo social. Mas, especialmente, é o Meio Ambiente quem mais sofre esta exploração desmedida tornando-a refém da humanidade.

Especificamente, o objetivo geral deste trabalho é a analisar a existência (ou não) de uma sociedade de consumo Ética, a partir dos preceitos do Decrescimento e fomentada pela Educação Ambiental. São objetivos específicos: a) analisar a Ética social e ambiental; b) apresentar as características da sociedade de consumo; c) conceituar o Decrescimento e afirmar a sua importância para o desenvolvimento social; e, d) apresentar a Educação como uma ferramenta para alcançarmos uma Sociedade Ética de Consumo.

Posto isto, devemos responder, objetivamente, a um questionamento: seria possível a formação de uma Sociedade de Consumo Ética, a partir dos parâmetros do Decrescimento e por meio da Educação Ambiental? Para responder a esta pergunta, duas serão as hipóteses pesquisadas. A primeira delas, considerando a Ética e a Sociedade de Consumo como antagônicas, tendo em vista o Consumismo que impera na segunda, tornaria impossível conciliar a Ética com o Consumismo. E a segunda, a partir tanto de Educação quanto das lições do Decrescimento, a Ética e o Consumismo se aproximam, dando ensejo a uma Sociedade Ética de Consumo, que atenderia tanto as necessidades ambientais, quanto as necessidades sociais.

A metodologia escolhida para desenvolver o presente estudo foi o Método Dedutivo, partindo de uma premissa geral (no caso o abandono do Consumismo puro por uma Sociedade Ética de Consumo) e buscando a sua sustentação a partir de premissas menores, como a Ética, o consumo consciente, o Decrescimento e a Educação Ambiental. Já a técnica utilizada foi a da Pesquisa Bibliográfica e a da formulação de Conceitos Operacionais.

## **SOCIEDADE DE CONSUMO**

A Sociedade de Consumo, caracterizada pelo avanço do consumismo desmedido, baseia-se em um ciclo econômico (e por que não dizer vicioso), sem o qual não se manteria, caracterizado pelo “compre, use e jogue fora” (BAUMAN, 2011, p. 152). Ou seja, a Sociedade de Consumo não se preocupa com a durabilidade, reutilização ou mesmo com os impactos do descarte dos produtos, mas sim, preocupa-se, tão somente, em manter a economia girando, com o aumento do consumo, que impulsiona o aumento da produção.

O comprar, nem sempre é por necessidade, mas pode ser influenciado pela moda, pela obsolescência programada ou mesmo, pelo constante lançamento de novas tecnologias mais atraentes ao público. Já o usar, também é influenciado pelas tendências e pelas novas tecnologias, que acabam criando gerações mais preocupadas em estarem sempre utilizando a última moda, a última tecnologia, não importando por quanto tempo. E, por fim, o jogar fora despreocupa-se com o impacto ambiental da produção de lixo. Muitas vezes, produtos ainda em condições de uso são descartados para darem espaço para produtos novos, adquiridos tão somente, para inflar o ego do consumidor que poderá se vangloriar por ter um produto tecnologicamente mais avançado que os seus demais.

Assim, podemos conceituar esta cadeia de produção como um mecanismo complexo em sua essência, escorado por ações políticas, que, acabam respondendo pelos danos ambientais criados diretamente pelo crescimento econômico e acumulação de capital, onde os políticos, grandes clientes deste sistema, trabalham para criarem políticas públicas que incentivem a expansão do sistema (HANNIGAN, 2009, p. 40).

Esta conceituação deixa claro que não são os empresários os grandes atores do sistema produtivo e nem mesmo os grandes responsabilizados pelos danos causados, mas também os políticos, que veem na atividade uma fonte de grande lucratividade, seja ela lícita (explorando comercialmente uma atividade produtiva e trabalhando legislativamente pelo seu desenvolvimento), ou mesmo de forma ilícita (por meio de cobrança e recebimento de propinas para aprovação de medidas legislativas, como vemos, por exemplo, nos recorrentes escândalos políticos do mensalão e da Petrobras). Muito daquilo que entendemos como políticas públicas de incentivo a consumo consciente, ou de substituição de produtos que causem maior poluição por outras linhas menos poluentes, muitas vezes, não passam de meros joguetes políticos para auxiliar uma determinada empresa ou segmento de mercado. “Por  
Revista Diálogos Possíveis,  
2017.

Salvador, ano 16, número 2, p.147 - 163, jul./dez.

exemplo, se lida com a redução de recursos não pela redução do consumo ou adoção de um estilo de vida mais moderno, mas sim pela abertura de novas áreas de exploração.” (HANNIGAN, 2009. p. 40)

Ou seja, a Sociedade Consumista se mantém com a rotatividade de mercadorias, e é contemplada pela circulação dos capitais num ciclo de aquisição e descarte. Contrariamente ao que víamos nas sociedades antigas, a Sociedade de Consumo atual encontra a sua satisfação não pelo fazer, mas sim, pela aquisição e pelo descarte, impulsionando o crescimento do Produto Interno Bruto (BAUMAN, 2011. p. 162). Novamente resta claro que o problema da Sociedade de Consumo não é só econômico, mas também é um problema político, sociológico e especialmente Ético.

O Consumismo traz também fortes impactos ao meio ambiente, isto devido à tradição ocidental de que a natureza existe para o uso dos seres humanos. Segundo esta tradição, Deus teria dado o domínio do mundo natural à humanidade, não se importando com a forma como a tratamos. Neste contexto, somente os seres humanos seriam moral e eticamente importantes, os demais seres seriam descartáveis, pois não teriam um valor intrínseco, e assim, a destruição das plantas e o extermínio dos animais não poderia ser considerado um pecado. Alias, somente poderia ser considerado como um pecado, caso estas destruições fizessem mal, diretamente, aos seres humanos (SINGER, 2002, p. 283). Esta visão antropocêntrica do mundo entende a natureza como um objeto posto a exploração humana, sem qualquer critério a não ser a próprio ser humano. Ou seja, tudo é possível de ser extinto, desde que não interfira na vida do homem. Espécies de animais e plantas “sem serventia” podem desaparecer, pois não farão falta ao homem. Nesta visão, o homem é o início e o fim, é o agressor e a vítima. Só há o homem, o resto está lá para o desfrute e pela benevolência do homem.

O desenvolvimento das Sociedades de Consumo no modelo capitalista mundial importou também em importantes modificações na forma de se desenvolver as pesquisas científicas. Enquanto antes cientistas como Descartes e Copérnico estudavam em favor do desenvolvimento do conhecimento, os cientistas e pesquisadores na atualidade trabalham para elevar a eficiência produtiva e melhorar os processos de trabalho (LEFF, 2011, p. 23). Até mesmo o conhecimento tornou-se um produto valioso. Os grandes pesquisadores foram retirados das universidades e seduzidos por grandes empresas multinacionais, que lhes ofertaram bons salários, laboratórios e equipamentos de última geração, além de outras tantas vantagens, para que empreguem os seus conhecimentos em prol do desenvolvimento

econômico. Suas pesquisas buscam maior lucratividade em menor tempo e com menores gastos, independentemente dos custos sociais e ambientais que possam causar.

Assim, o tempo, a produtividade da terra, do trabalho e da tecnologia ganharam novas significâncias, e por conseguintes, restaram valoradas não por sua importância para o ecossistema ou para a qualidade de vida, mas sim, valoradas pelas novas relações sociais de produtividade, base forte da produção capitalista, e expoente do Consumismo.” (LEFF, 2011. p. 28). Só tem valor o que e quem produz. Perde a importância tudo aquilo que seja incapaz de proporcionar lucratividade e acaba por ser dizimado tudo aquilo que traz prejuízos. O mundo perdeu pessoas, fauna e flora, sendo todos estes substituídos por cifras. Uma sociedade passa não mais a ser objeto de estudo dos sociólogos, mas sim, dos economistas.

Mas, felizmente, este modelo já não mais se sustenta, seja pela sua própria obsolescência, seja pelo desenvolvimento de valores não econômicos no meio social. Em especial, sofre importante revés pela internalização da dimensão ambiental, tanto na teoria quanto na prática da própria economia, exigindo a implementação de novas políticas, que não visem tão somente o lucro e a acumulação de capitais, mas também a absorção de tecnologias ecológicas e de políticas protecionistas do meio ambiente. A própria sociedade, antes só preocupada com o lucro, passa a exigir um maior balanceamento entre o crescimento econômico e a conservação ambiental, por meio de um processo de desenvolvimento sustentável, sobre as bases do crescimento também sustentável.” (LEFF, 2011, p. 140)

## **SERIA A SOCIEDADE ÉTICA?**

A superação do modelo Consumista de sociedade já é uma realidade, pelos menos, na teoria. Esta superação perpassa por diversos níveis de discussão e desenvolvimento social: política, educação, economia, mas, especialmente, deve passar por uma redefinição dos padrões Éticos da sociedade, o que impulsionará todos os demais campos de discussão. Esta questão Ética deve ser feita em dois níveis distintos: em um primeiro nível a partir da definição de uma nova Ética Social e em um segundo momento, diante de uma nova Ética Ambiental.

## **ÉTICA SOCIAL**

Nenhum organismo vivo consegue viver sozinho. Os animais e as plantas dependem mutuamente uns dos outros. Até mesmo os organismos unicelulares e as bactérias exercem importante papel para constituir a biosfera, a qual propicia as condições para a perpetuação da vida (CAPRA, 2005, p. 23). Assim também é o homem, mesmo diante de todo o desenvolvimento tecnológico, viu-se incapaz de viver dissociado das demais criaturas que habitam a Terra, e, em especial, perdeu a capacidade de viver isolado, necessitando de todo um aparato social para preservar a sua existência.

Ou seja, o homem só é homem quando vive inserido em uma sociedade. Quando se comporta de forma idêntica e tolerável pelos seus semelhantes, bem como, enquanto apresenta algum tipo de utilidade para o sistema social na qual está inserido. Isto só deixa clara a necessidade do desenvolvimento das relações sociais e do respeito a todos os demais seres vivos que coabitam o Planeta Terra, e, em especial, o necessário respeito ao meio ambiente.

Todas as necessidades sociais (conforto, segurança, acesso à saúde, dentre outros) forçaram os homens a viverem em grandes aglomerados, as cidades, buscando proteção e aceitação de seus iguais. Porém, com o aumento exponencial das populações urbanas, onde, em poucos anos, viverá mais da metade da população mundial, combinada com o medo, a insegurança e as necessidades materiais cada vez mais pujantes, os ressentimentos acabaram aflorando, muitas vezes, sem a devida razão. (BAUMAN, 2011, p. 71)

Este ressentimento pode ser caracterizado como um sentimento de inveja, mesquinhez, avareza, desprezo pela vida e pelo bem-estar do próximo, ou seja, é o resumo de toda aquela gama de sentimentos indesejáveis, que, originalmente, obrigou o homem a viver em sociedade para proteger-se. A emergência deste tipo de sentimento, fez com que o homem perdesse, muitas vezes, a mínima relação ética que liga ele a sociedade, colocando em risco a própria sobrevivência e mesmo a perpetuação da vida na Terra.

Porém, antes de prosseguirmos, Gudynas (2014, p. 41) faz uma importante distinção entre ética e moral, tratando a ética como um conjunto de valores e valorações atribuídos pela sociedade e para a sociedade. Isto fica claro ao tratarmos, por exemplo, de Ética Ambiental, campo onde o homem é quem outorga valores, de acordo com a utilidade de cada ser, ao invés de aceitar que tais valores já poderiam ser intrínsecos da própria natureza. Já a moral, segundo Ele, abordaria uma certa normatividade, ou seja, toca estritamente ao que é certo ou errado é a verdadeira normatização da ética.

Já para Valls (2004, p. 7) a ética pode se entendida como um estudo, como uma reflexão, ora científica ora filosófica, e algumas vezes até mesmo teológica, sobre os costumes e as ações humanas. Ainda segundo o Autor, a própria vida pode ser chamada de ética, quando nos comportamos de acordo com os costumes. Em resumo, ética pode ser tanto o estudo das ações e dos costumes quanto à própria realização de um tipo de comportamento.

Assim, podemos constatar que o comportamento ético surge da interação entre os sujeitos, superando interesses meramente particulares. Ou seja, o comportamento ético prescinde de um reconhecimento recíproco entre os sujeitos, considerados entre si, de igual dignidade. Normas éticas exigem a existência de um conteúdo cognitivo conhecido e palpável, sem o qual perdem a sua razão, pois emergem das relações sociais e a práxis comunicativa cotidiana dos homens, e não de regras verticais e impostas por autoridades (OLIVEIRA, 1993, p. 19).

Mesmo com o desenvolvimento destes sentimentos mesquinhos, a sociedade vem se tornando, lentamente, Ética. Novos padrões de comportamento vêm sendo inseridos pelo desenvolvimento das interações sociais. O abandono dos interesses meramente pessoais e o desenvolvimento de atividades em prol da sociedade, sejam por iniciativas particulares ou por ONGs ou mesmo por grupos de amigos, vem se tornando cada vez mais comum. Exemplos positivos vêm sendo reproduzidos ao redor do mundo, formatando uma verdadeira corrente do bem, uma corrente de uma nova Ética.

Ao contrário da moral, na definição de Gudynas, a Ética não prescinde de um “ser ou não ser”, mas sim, pode ter diversas imbricações: Não existe apenas uma ética certa. Isto faz com que a sociedade internalize diversas condutas como éticas e faça com que estas práticas sejam repassadas para as demais gerações. Novos parâmetros éticos surgem constantemente, em diversos lugares do planeta. O que parece ser atitudes isoladas, na verdade, são verdadeiras lições globais que felizmente são reproduzidas por novos cidadãos eticamente conscientes e ativos, que abandonaram a sua posição meramente instrumental na antiga sociedade de consumo.

## **ÉTICA AMBIENTAL**

A postura ocidental em relação à natureza pode ser caracterizada como uma mistura entre as atitudes defendidas pelos Hebreus, conforme expresso nos primeiros livros da Bíblia, e da filosofia da Grécia antiga, principalmente a de Aristóteles, que fazem do homem

o centro do universo moral, alias, não apenas o centro, mas a totalidade das características morais do mundo, em contradição a outras sociedades antigas, como por exemplo, a Indiana (SINGER, 2002. p. 280/281).

Somente nos tempos atuais, por meio da universalização dos conhecimentos técnicos e científicos é que estamos tomando consciência das consequências das ações humanas na Terra, sobretudo nos perigos que ameaçam a continuidade da vida humana. Em especial, cresce o conhecimento e a conscientização da ameaça para o próprio homem do seu moderno projeto de dominar e subjugar a natureza. Cada vez mais tornam-se conhecidos os efeitos das intervenções tecnológicas tanto na biosfera quanto na ecosfera, os malefícios ocasionados pela superpopulação, a escassez das fontes energéticas antes abundantes e a destruição do meio ambiente que agrava a fome e miséria em muitos países, além da possibilidade da aniquilação da vida na Terra por uma guerra nuclear (OLIVEIRA, 1993, p. 10).

Ao que nos parece, estas preocupações ainda giram em torno do próprio homem e da perpetuação da própria espécie. Desta forma, o projeto de dominação do meio ambiente, encapado pelo homem moderno, vai encontrar o seu limite, invariavelmente, na escassez de fontes de alimento e de energia na natureza, já que todas são finitas. O conhecido Clube de Roma nominou tal paradigma como “crise ecológica”, que já bate a nossa porta diante de tamanha exploração predatória ao longo dos últimos séculos (OLIVEIRA, 1993, p. 10).

Como sabemos, a extraterritorialidade moral sem precedentes das atividades econômicas levou, nesse período, a um avanço espetacular do potencial da indústria e a um crescimento da riqueza. Mas sabemos também que, por quase todo o século XIX, essa extraterritorialidade redundou em muita pobreza e miséria humana, numa desconcertante polarização de padrões de vida e oportunidades. (BAUMAN, 2011, p. 80)

Mesmo que tenhamos atitudes eticamente corretas em relação ao meio ambiente, jamais poderemos nos considerar moralmente inocentes enquanto observamos outros seres humanos sofrendo por falta de dignidade, pela fome ou pela miséria extrema (BAUMAN, 2011. p. 78). Também jamais poderemos nos achar vivendo de forma moral e ética por defendermos uma bandeira ecológica meramente local, quando sabidamente este problema tem uma abrangência global.

Outro ponto de importante análise, em especial a partir das sociedades do século XX, é a consequência negativa da massificação social, que muitas vezes retira dos cidadãos a

capacidade (e por que não dizer a vontade) de pensar as suas atitudes de forma diferente daquilo que lhe é imposto pelos meios de comunicação, pelo Estado, pelos economicamente dominantes e até mesmo, pelos já viciados educadores. Resta saber se ainda há espaços para o homem livre pensar e reordenar a sua vida a partir de uma Ética Ambiental, formatada a partir de uma sociedade livre e consciente de seu papel e de sua responsabilidade (VALLS, 2004. p. 7).

Esta responsabilidade direciona o pensamento do homem para dois momentos distintos, mas igualmente importantes. Inicialmente, deve a sociedade repensar as suas atitudes de hoje, tentando corrigir os erros históricos cometidos por seus antepassados. Em um segundo momento, será necessário pensar na herança ambiental (pegada ambiental) a ser deixada para as futuras gerações. Ou seja, o homem de hoje é responsável tanto por corrigir os erros do passado, quanto para garantir a existência de um meio ambiente equilibrado para as futuras gerações.

É necessária a construção de uma nova Ética mista, heterogênea e diversificada, que não atenda somente os interesses ou da sociedade ou da natureza. Não será nem uma ética puramente ambientalista, como também não será uma ética totalmente antropocêntrica. Para tanto, será necessário abandonarmos posições ortodoxas, comuns na filosofia ocidental, para então construirmos uma nova Ética, calcada tanto na conservação e proteção ao meio ambiente, quanto na proteção da vida na Terra e na dignidade integral da vida humana. (GUDYNAS, 2014. p. 201)

Os contornos gerais de uma ética verdadeiramente ambiental são fáceis de estabelecer. Em seu nível mais fundamental, essa ética incentiva a consideração dos interesses de todas as criaturas sencientes, inclusive das gerações que habitarão o planeta num futuro remoto. Acompanha-a uma estética de apreciação de lugares naturais não devastados pelo homem. Num nível mais pormenorizado, aplicável às vidas dos que vivem nas grandes e nas pequenas cidades, essa ética desestimula a existência de grandes famílias [...]. (SINGER, 2002. p. 301)

Esta Ética Ambiental quebra com o paradigma das sociedades tradicionais de acumulo de bens materiais, passando a considerar como virtuoso o desenvolvimento das aptidões individuais e coletivas. Acredita na simplicidade como forma de diminuir a poluição e na reutilização dos materiais, considerando o descarte de materiais recicláveis uma forma de vandalismo contra a humanidade. Assim, os manuais de “consumo verde” são os guias desta nova Ética Ambiental, ensinando a humanidade os pequenos gestos que podem salvar o mundo. Porém, estes atos podem não ser em si a nova Ética Ambiental necessária para salvar

o mundo, mas sim, apenas degraus a serem galgados para que se chegue, por fim, a uma Ética Ambiental onde se questione propriamente a ideia do consumir. (SINGER, 2002. p. 302)

Importante salientar que esta nova Ética Ambiental, ao abandonar o antropocentrismo, não pretende a conservação do meio ambiente em favor do homem, mas sim, garantir que tanto o homem quanto a natureza tenham a mesma importância, e ambos sejam o objeto e o fim ético, e, portanto, equiparados na relação de reconhecimento mútuo. Assim que como na Ética Social que só sobrevive quando um homem se reconhece no outro, a Ética Ambiental somente será plena quando o homem se reconhecer na natureza.

Com o desenvolvimento destas pequenas ideias, possamos, quem sabe, em um futuro próximo encontrarmos uma ou mais Éticas que conduzam a humanidade a conviver melhor com a natureza. Muitos relegarão esta preocupação para o segundo plano, alegando existirem problemas mais graves para se preocupar do que a Ética Ambiental, porém, fato inegável é que são raros os campos da ética que avançam tão rápido e continuamente quanto esta Ética, tanto na teoria quanto na prática, como também, são poucas que realmente fazem a diferença no mundo e afetam tão diretamente a todos que vivem na Terra, sejam eles homens, plantas, animais ou bactérias (MÜLLER, p. 24).

## **A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE ÉTICA DE CONSUMO A PARTIR DAS LIÇÕES DO DECRESCIMENTO**

Como já visto, a atual sociedade está colocando em risco a vida do próprio homem, configurando-se como um “problema ético” ou a problemática de uma “fundamentação racional” da ação humana. O próprio desenvolvimento tecnológico que caracteriza esta nova civilização planetária, está colocando em risco a continuidade da vida na terra, e isto já se tornou uma questão ética universal (que afeta a todos, independente de onde estejam), mas também, é uma questão sociopolítica que necessariamente precisaremos enfrentar (OLIVEIRA, 1993, p. 154). Ou seja, já não basta mais encontrarmos uma nova Ética Social, é necessário que esta nova ética realmente traga modificações na estrutura da sociedade, com fortes toques de imposição de uma nova ordem.

Isto certamente desencadeará em um longo e demorado processo, que irá se iniciar pela árdua tarefa de incutir no imaginário comum da população os verdadeiros riscos que tanto o homem quanto o meio ambiente correm, em decorrência dos anos de exploração desmedida. Passará pela criação de um novo senso comum ético, ligado diretamente a

preservação da natureza e culminará com a formatação desta nova Ética Social. Porém, uma grande barreira ainda se coloca entre estes pensamentos e a realidade, a barreira da economia.

A economia sempre foi a grande mãe do desenvolvimento desmedido e a grande vilã da destruição da natureza. Foi sempre em nome do desenvolvimento econômico que as florestas foram devastadas, os rios e os mares poluídos e as pessoas e os animais escravizados. Por isso, urge a criação de uma nova fronteira da economia, agora, mais preservacionista e consciente.

Portanto, foi necessário encontrarmos dentro das próprias lições da economia um modelo ambientalmente mais consciente, se chegando ao Decrescimento. Esta nova palavra de ordem intenta o abandono do crescimento ilimitado, fomentado pelos detentores do capital que sempre objetivaram tão somente o aumento da lucratividade e que impunham constantes e veementes derrotas ao meio ambiente e conseqüentemente a humanidade. Este novo modelo de Decrescimento da economia tende também a libertar o homem e a sociedade, ao tirá-lo da posição de instrumento dos processos produtivos e de refugio quando não fossem mais úteis (LATOUCHE, 2009, p. 4).

Assim, podemos descrever o projeto do decrescimento como uma utopia, mas em seu melhor sentido, uma utopia concreta para se apropriar da terminologia cunhada por Ernest Bloch. Portanto, podemos classificar o Decrescimento como um projeto político (e não politiquero eleitoral), que envolva e integre os Governos tanto do Norte quanto do Sul e conjugue as suas sociedades autonomamente econômicas. Para tanto, exige uma análise realista das diversas situações sociais, impondo uma espécie de coerência teórica comum, e posta em prática de maneira escalonada (LATOUCHE, 2009. p. 40/41).

Colocar em prática uma agenda concreta do Decrescimento possibilitará a regeneração daqueles meio ambientes ainda não totalmente devastados. Mas isso só será possível a partir de uma atividade conjunta, que envolva governos, cidadãos, empresas e organismos não governamentais. E mais, somente será efetiva quando levada a sério e sem restrições meramente econômicas por parte dos envolvidos. É necessária uma primeira etapa mais radical, para que os resultados se tornem visíveis, e assim, tornar o processo mais palpável ao restante da população. O homem, desde os tempos bíblicos, costuma só crer naquilo que vê.

A função de cada um dos componentes dessa rede é a de transformar ou substituir outros componentes, de maneira que a rede como um todo regenere-se continuamente. É essa chave da definição sistêmica da vida: as redes vivas criam ou recriam a si mesmas continuamente mediante a

transformação ou a substituição dos seus componentes. Dessa maneira, sofrem mudanças estruturais contínuas ao mesmo tempo que preservam seus padrões de organização, que sempre se assemelham a teias. (CAPRA, 2005. p. 27)

O ser humano é caracterizado pela adaptabilidade e pela consciência, o que nos impõem o dever de fazer com que este novo processo seja o menos danoso possível às demais criaturas vivas que nos aceram, abdicando de alguns “privilégios materiais” que nos apossamos nos últimos milênios. Talvez ai, possamos encontrar o verdadeiro significado de sustentabilidade dentro do processo do Decrescimento, ou seja, saber como prosseguirmos com a necessária marcha evolutiva, porém com o menor impacto possível ao meio ambiente, a sociedade, ou mesmo ao planeta.

Mas é importante que fique claro que o Decrescimento não é um crescimento negativo, no vulgo termo contábil. Quando ocorre um crescimento negativo, ou mesmo, a perspectiva de ocorre um crescimento negativo (veja-se a situação atual da economia Brasileira, por exemplo), cria-se um ambiente de incertezas, que por sua vez, aumentam as taxas de desemprego, acarreta o abando de importantes programas sociais, sanitários, educativos, culturais e ambientais, responsáveis por manter o padrão mínimo da qualidade de vida (LATOUCHE, 2009. p. 5).

Em outros termos, o Decrescimento não prevê um regresso social, uma paralisação dos meios produtivos, ou uma volta completa aos sistemas feudais e de escambo de mercadorias. Também não pretende que o homem deixe de produzir e de consumir, mas exige que o homem repense as suas atitudes, passe a consumir com mais responsabilidade e de forma limitada, atendendo as suas necessidades básicas e relegando a um segundo plano o consumismo superfluo. A sociedade mantém-se pelo consumo em uma marcha irrefreável, mas este consumo pode ser substituído por um consumo consciente.

Pode-se imaginar a catástrofe que uma taxa de crescimento negativa provocaria! Assim como não existe nada pior que uma sociedade trabalhista sem trabalho, não há nada pior que uma sociedade de crescimento na qual não há crescimento. Essa regressão social e civilizacional é precisamente o que nos espreita se não mudarmos de trajetória. Por todas essas razões, o decrescimento só pode ser considerado numa “sociedade de decrescimento”, ou seja, no âmbito de um sistema baseado em outra lógica. Portanto, a alternativa é efetivamente: decrescimento ou barbárie! (LATOUCHE, 2009. p. 5)

Com estas colocações, podemos concluir que o projeto de Decrescimento pretende, em linhas gerais incutir na humanidade um novo paradigma econômico, que não

visa diretamente o crescimento e o lucro, mas sim, que pretende manter a vida na Terra, por meio da conservação do meio ambiente e da própria sociedade. Pretende ainda, retirar a condição de objeto imposta tanto a natureza quanto ao homem pelo sistema utilitarista de produção. Homem e natureza são elevados a uma mesma condição, superior ao lucro e a produção. Passam Eles dois a posição de senhores do sistema e, em uma modificação total do paradigma antes apresentado, subjulgam o sistema produtivo as suas necessidades.

Mas não nos enganemos, o processo de Decrescimento ainda irá encontrar muita resistência, até mesmo daqueles que seriam os maiores beneficiados com a sua implementação, pois, ainda persiste um norte ético no homem de acumulação de bens de capitais. Para modificar tal pensamento, devemos apostar, inicialmente, na educação como mola motriz de conscientização e de propagação destes ideais.

### **A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO INSTRUMENTO PARA A FORMAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DE CONSUMO ÉTICA**

Como desenhado até o momento, à busca por um mundo ambientalmente equilibrado e protegido é árdua e longa. Mudanças nos padrões éticos, nas estruturas da sociedade e no próprio sistema econômico mundial são medidas que urgem em serem tomadas. Porém, tudo isso passa por momento de conscientização do ser humano, inicialmente, para elevar o meio ambiente ao mesmo patamar do homem nesta relação, e, em um segundo momento, para entender todo o mal que a humanidade já causou e as consequências futuras da utilização desmedida dos recursos naturais, tanto para a natureza, quanto para o homem.

Desta forma, temos a Educação Ambiental, que é caracterizada como o conjunto de ações práticas que possam fazer entender no nosso meio ambiente, levando ao desenvolvimento de uma relação de responsabilidade e uma vivência harmoniosa com o meio, de forma a perpetuar e manter a vida da espécie humana, dos demais animais, plantas e seres vivos do planeta, conduzindo sempre para um padrão condizente de qualidade de vida. (MÜLLER, p.21)

Por sua vez, o Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa (2013), dentre outros verbetes, ao conceituar educação aponta: “Formação consciente das novas gerações segundo os ideais de cultura de cada povo”. Este conceito parece, a princípio um standard, mas apresenta motivações que vão além da prática educacional moderna. Vejamos que impõem ao

Revista Diálogos Possíveis, Salvador, ano 16, número 2, p.147 - 163, jul./dez. 2017.

educador, não apenas a missão de repassar conhecimento, mas também, de formar uma geração consciente. E, se agregarmos a esta conceito de “educação” o “ambiental”, temos a obrigação da formação de gerações ambientalmente consciente.

Diante disto, podemos concluir que é sim possível inculcar nas as crianças e nos jovens uma nova consciência em relação ao cuidado com o meio ambiente. E este novo ideal educacional pode ter início nas casas, pela correta orientação dos pais, nas cidades, por meio de políticas públicas locais que incentivem a preservação do meio ambiente e envolvam toda a comunidade local, e nas escolas, com projetos ambientais até mesmo mais ousados, envolvendo diretamente as crianças e adolescentes no cuidado com a natureza que os cercam. Isto deixa claro que as propostas educacionais ambientais não precisam ser, em um primeiro momento global, mas pode e devem ser locais, envolvendo toda a comunidade (MÜLLER, p.30).

Porém, o que se vê é que muitos dos projetos de Educação Ambiental propostos por escolas, tanto públicas quanto privadas, tem sido formulados a partir de interesses tanto de empresas privadas, quanto de órgãos governamentais. Isto faz com que, muitas vezes, estes projetos cheguem a rede de ensino de forma descontextualizada, o que dificulta a sua aplicabilidade e a absorção dos conhecimentos pelos alunos. Há casos extremos em que estes planos pedagógicos concluem erroneamente pela necessidade de repassarmos o cuidado com as florestas para a iniciativa privada, inculcando no inconsciente dos alunos uma visão novamente mercantilista da natureza. (MÜLLER, p.30)

Como dito, o projeto de Educação Ambiental necessita ser local. Há uma grande diferença entre as preocupações ambientais na Amazônia, no agreste ou nos pampas, assim como existem matérias totalmente contraditórias entre a preservação ambiental no interior do Estado do Mato Grosso e no centro da cidade de São Paulo. Ou seja, o projeto de Educação Ambiental, em um primeiro momento, deve ir contra o processo globalizatório e pensar no local.

A mídia também tem papel fundamental neste processo educacional. Como importante meio de informação e formador de opinião pública, a mídia deve se envolver na construção de uma agenda ambiental, trazendo a discussão assuntos de interesse das comunidades. Mas nem sempre foi assim, nos Estados Unidos, por exemplo, a mídia foi relutante e trazer os assuntos ambientais para discussão, preferindo manter este assunto nas universidades e escolas, pois muitas vezes foi acusada de ser tendenciosa e de não refletir a verdade científica, mas sim, uma verdade jornalística (HANNIGAN, 2009, p. 121).

Mais do que isso, a mídia sabe que coberturas de catástrofes ambientais rendem grandes níveis de audiência, mas programas de Educação Ambiental tem pouca visibilidade. Basta ver que os raros programas sobre o meio ambiente e conservação são veiculados ou fora do horário nobre, ou por canais de menor expressão, ou ainda, por canais ligados ao governo. Porém, se realmente quisermos formatar uma nova geração ambientalmente consciente, precisamos dar maior importância para a Educação Ambiental nos meios de comunicação e nas escolas.

## CONCLUSÃO

Diante de todo o arrazoado neste trabalho, resta claro que uma Sociedade de Consumo já não se suporta. Seja pela obsolescência do próprio sistema que já não consegue mais suportar as necessidades que ele mesmo criou, seja pelo esgotamento dos recursos naturais, em decorrência dos últimos milênios de exploração desmedida pela humanidade. O próprio homem já não suporta este modelo social-econômico, pois vê-se escravizado pelo trabalho e pelas emergentes necessidades de consumo, criadas artificialmente para manter a roda da economia girando.

O Consumismo do “compre, use e descarte”, levou a humanidade a um colapso. Não há mais recursos naturais suficientes para atender a demanda de produção e consumo. A qualidade de vida foi mitigada em razão de um sonho de riqueza e prosperidade infinitas. O homem foi rebaixado à qualidade de mera engrenagem na máquina produtiva. Mas, felizmente, esta realidade vem sendo modificada.

A inserção de um novo parâmetro Ético, seja ele Social ou Ambiental, vem possibilitando uma modificação na posição tanto do homem quanto da natureza em relação à economia. Agora, equiparados e em um nível superior, homem e natureza, harmoniosamente juntos, se sobrepõem a economia e a exploração do Consumismo. De subjulgados a subjulgadores, de explorados a conservadores.

Felizmente o homem vem entendendo e reconhecendo, paulatinamente, que natureza não está a sua mera disposição, mas, que prescinde dela continuar vivendo. O homem compreendeu que o meio ambiente conservado deve existir não apenas para garantir a sobrevivência da espécie humana, mas para promover a existência do Planeta Terra.

Daí as noções do Decrescimento ganham importância. Produzir, trabalhar e consumir menos é a nova barreira que o homem precisa enfrentar. Sabidamente a sociedade é

econômica, e anda sempre em função dela, mas é necessária uma nova forma de produzir e consumir, agora sustentável, que respeite os limites da natureza e do homem. Que se consuma pela verdadeira necessidade e não pela aparência ou pelas necessidades artificialmente construídas pela publicidade, pela obsolescência programada ou pelo avanço tecnológico.

Mas tudo isso somente será possível através da educação. Somente a educação é capaz de mudar um povo, de incutir um novo paradigma ético e de reprogramar as ações mecanizadas, repassadas de geração para geração. Uma Educação Ambiental deve criar gerações pensantes e conscientes quanto aos riscos da degradação do meio ambiente e da própria sociedade. Deve ensinar a preservação da natureza, por meio de ações práticas, conjugadas a conhecimentos teóricos.

A criação de um currículo pedagógico ambiental local deve ser uma preocupação imediata de todos os educadores. Integrar conhecimentos ambientais em todas as matérias escolares é uma forma de agilizar este processo e de integrar com maior facilidade os conhecimentos. Devemos, pelo menos neste momento, deixar de pensar de uma forma global, e nos preocuparmos com uma educação local, voltada para os problemas ambientais locais.

Por fim, podemos concluir que, a partir dos preceitos do Decrescimento, e impulsionados pela Educação Ambiental é possível à criação de uma nova Sociedade de Consumo Ética, que abandone as arraigadas premissas do Consumismo, para então produzir, consumir e descartar com responsabilidade. A mudança dos padrões éticos de uma sociedade é um processo lento, gradual e por vezes traumático, mas, sobretudo necessário. Pequenas atitudes já nos deixam claro que o homem quer esta mudança, agora, nos falta replicar estas experiências ao longo do globo, de forma corrigir os erros do passado e garantir a sobrevivência das futuras gerações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMAN, Zygmunt. **A ética é possível num mundo de consumidores?** Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2011.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2005.

EDUCAÇÃO. In DICIONÁRIO Michaelis. Editora Melhoramentos, 2013. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=educa%E7%E3o>

GUDYNAS, Eduardo. **Derechos de la naturaleza: ética. Biocéntrica y políticas ambientales.** Lima: CLAES, 2014

HANNIGAN, John. **Sociologia ambiental.** Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

LATOCHE, Serge. **Pequeno tratado de decrescimento sereno.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MÜLLER, Jackson. **Educação Ambiental: diretrizes para a prática pedagógica.** Porto Alegre: Editora FAMURS, (s.d.).

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e racionalidade moderna.** São Paulo: Editora Loyola, 1993.

SINGER, Peter. **Ética prática.** Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3º ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2002.

VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética.** São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.